

A ONTOLOGIA HERMENÊUTICA DE PAUL RICOEUR

José Augusto da Silva¹

RESUMO:

O ensaio discorre sobre a hermenêutica ontológica de Paul Ricoeur, com uma breve resenha de sua biografia e sua atualidade no diálogo com as várias disciplinas contemporâneas, especialmente com a Teologia. A sua ontologia hermenêutica oferece ao leitor um convite a se exercitar numa *longa via* de reconhecimento de epistemologias distintas para chegar a um equacionamento de corte efetivamente ontológico. Para se chegar à ontologia é imperativo que não se parta da mesma: eis o caminho da hermenêutica ricoeuriana.

Palavras-chave: Hermenêutica – Ontologia – Paul Ricoeur – *longa via*.

ABSTRACT:

The essay discusses the ontological hermeneutics of Paul Ricoeur, with a brief review of his biography and its timeliness in dialogue with the various contemporary disciplines, especially with the theology. Their hermeneutic ontology provides the reader with an invitation to work up a sweat in a long via distinct epistemologies recognition for reaching an ontological consideration effectively cutting. To get to the ontology is imperative that is not part of the same: here's the path of ricoeurian hermeneutics.

Key-words: Hermeneutics – Ontology – Paul Ricoeur – *long way*.

A produção filosófica de Paul Ricoeur, especialmente sua hermenêutica ontológica, é um relevante patrimônio reconhecido, internacionalmente, pelas Ciências Humanas em geral e, mormente, pela Ciência Teológica.

Além de contumaz filósofo, o pensador francês sempre procurou intercambiar as reflexões filosóficas com a sua experiência de crente. Certa feita, ao ser questionado sobre como conjugava a reflexão crítica com o homem crente que era – como dialetizava a posição de agnóstico e de crente – ele pontificou ser apegado a essa dualidade, mesmo com o risco de esquizofrenia.

O presente ensaio, a partir de dados preliminares sobre a vida, produção e lugar da obra ricoeuriana no todo da Filosofia, pretende refletir sobre sua ontologia hermenêutica.

Falecido na década passada, o hermeneuta francês é alvo de múltiplas pesquisas tanto no campo especificamente filosófico quanto nas suas fronteiras epistemológicas. Tal fato se

¹ Especialista em Ensino de Filosofia pela Faculdade Católica de Pouso Alegre. Graduado em Filosofia e Teologia. Professor da Faculdade Católica de Pouso Alegre.

deve em ser um perito em reconhecer as válidas contribuições dos variados lugares epistêmicos.

Sua ontologia hermenêutica oferece ao leitor um convite a se exercitar numa “longa via” de reconhecimento de epistemologias distintas para chegar a um equacionamento de corte efetivamente ontológico.

1. UM POUCO DA HISTÓRIA DE PAUL RICOEUR

Paul Ricoeur nasceu em Valence em 1913. Estudou em Rennes e tornou-se professor de Filosofia. Prisioneiro, durante a Segunda Guerra Mundial (1940-45), traduziu *Les Idées* (As Idéias) de Husserl. Ensinou em Estraburgo de 1950-55; na Sorbonne de 1956-65 e em Nanterre de 1966-78; a partir de 1978 na Universidade de Chicago.

Em 1985 foi o primeiro francês a receber o Prêmio Hegel. Em julho de 2003 recebeu o Prêmio Internacional Paulo VI das mãos de João Paulo II que na ocasião disse:

O prestigioso Prêmio que, precisamente, em seu nome (Paulo VI) é conferido de cinco em cinco anos a uma personalidade ou Instituição que se distinguiu de maneira significativa no âmbito da cultura de inspiração religiosa, representa um indubitável reconhecimento do interesse perene suscitado pela pessoa do Papa Montini. Até agora, ele foi conferido a estudiosos nos campos da teologia, da música, do ecumenismo e da promoção dos direitos humanos. Desta vez, ele é entregue ao famoso investigador francês, o Prof. Paul Ricoeur, a quem transmito uma cordial e respeitosa saudação, agradecendo-lhe as amáveis e sentidas palavras que acabou de me dirigir. Ele é reconhecido inclusivamente pela contribuição generosa para o diálogo ecumênico entre os católicos e os reformados. A sua investigação realça a fecundidade da relação entre a filosofia e a teologia, entre a fé e a cultura; trata-se de uma contribuição que, como desejei recordar na Carta Encíclica *Fides et ratio*, deve realizar-se sob o sinal da ‘circularidade’. Para a teologia, o ponto de partida e a fonte original deverá ser sempre a palavra de Deus... Uma vez que a palavra de Deus é a verdade, em ordem à sua melhor compreensão, não deixará de contribuir a investigação humana da verdade, ou seja, a filosofia. Por conseguinte, é mais oportuna do que nunca a escolha por parte do Instituto Paulo VI, de honrar um filósofo e, ao mesmo tempo, um homem de fé, comprometido na defesa dos valores humanos e cristãos².

Paul Ricoeur faleceu em 2005. Alvo de várias pesquisas, já antes de seu falecimento, o hermeneuta francês tornou-se objeto de pesquisa para dissertações de mestrado e para teses doutorais. O seu pensamento está presente em seus inúmeros livros e ensaios de áreas que dialogam com a Filosofia e a Hermenêutica, a saber: Teologia, especialmente nas *teologias de fronteira*, na Lingüística, no Direito, na Ética e nas Teorias da Interpretação.

² Cf. http://www.vatican.va/holy_father/john_paul (18/03/2012). Segundo consta o valor do prêmio foi de US\$ 115 mil que, segundo a vontade do filósofo, foi entregue à “Fundação Bost”, obra caritativa e assistencial francesa, criada em 1848 pelo pastor Jean Antoine Bost. A fundação atende cerca de mil pessoas com deficiência física ou mental, anciãos ou pessoas com problemas de integração social.

A sua obra é ampla e bastante reverenciada pela crítica. A maioria de seus livros se encontra traduzida para o português. Destaque especial deve ser dado, no específico dessa abordagem, às seguintes obras: *O Conflito das Interpretações: Ensaio de Hermenêutica* (1969); *A Metáfora Viva* (1975); *O Mal – um desafio à Filosofia e à Teologia* (1986); *O si-mesmo como um Outro* (1990).

A problemática do mal atravessa toda a obra ricoeuriana, mas não tem a última palavra, mesmo porque, definitivamente, Ricoeur não concorda com esta expressão *última palavra*. Mas, diga-se então que a *penúltima palavra*, ou o contraponto à problemática do mal, que perpassa sua obra, seja a cultura da compaixão – *compadecer ativo*.

Não menos relevante é asseverar que o binômio *fides et ratio* acompanha a história e a obra ricoeuriana. Trata-se de um crente crítico e de um crítico crente que não faz concessões, por princípio, aos distintos estatutos epistemológicos da Teologia e da Filosofia. Tem plena consciência de que a Filosofia oportuniza a reflexão e seus desdobramentos nodais, inclusive a própria crise de fé. Ao mesmo tempo tem inteligência de que a Fé pode ser *conhecimento* dentro de uma Tradição e, nesse específico, corroborar o sentimento de *pertença*.

No ano 2000, em Paris, publicou-se uma Suma de Paul Ricoeur. A obra possui mais de 800 páginas e leva o título *La Mémoire, L'Histoire, L'Oublie* (A Memória, a História e o Esquecimento). Tal suma foi traduzida inicialmente para o espanhol e em 2009 para o português.

2. A ONTOLOGIA HERMENÊUTICA

Tendo em vista o ponto nevrálgico do presente ensaio, a exposição que se segue fará uma breve introdução sobre a hermenêutica – gênese e sistemática – para em seguida discorrer sobre a mesma na ótica ricoeuriana. Da origem da hermenêutica a hermenêutica ontológica de Paul Ricoeur.

2.1 Origem da hermenêutica

A palavra, etimologicamente, deriva de Hermes³ – um deus da Mitologia Grega. Era filho de Zeus e de Maia, nascido numa caverna no monte Cilene, na Arcádia. Atribui-se a esse deus alado a invenção da linguagem e da escrita. Era um tipo *carteiro dos deuses*.

A palavra significa interpretar. Interpretar é ser capaz de traduzir, do texto, vida.

Historicamente, segundo Paul Ricoeur, o problema da hermenêutica toma corpo bem antes da fenomenologia de Husserl. Inicialmente o problema foi levantado pela exegese “no contexto de uma disciplina que se propõe a compreender um texto, a compreendê-lo a partir de sua intenção, baseando-se no fundamento daquilo que ele pretende dizer”⁴.

Disto decorre que toda leitura de um texto é sempre feita em função de óculos específicos (tradição, comunidade, corrente de pensamento), de pessoas vivas, que elaboram pressupostos e exigências.

Os **estóicos** lendo os mitos gregos utilizaram, certamente, instrumental diferente dos **rabinos** ao se debruçarem sobre a **Torá** e, não restam dúvidas, a interpretação do Primeiro Testamento feita pelos **crístãos**, tendo em vista a pessoa de Jesus Cristo comunicado pelas comunidades do Segundo Testamento, fornecerá uma leitura – absolutamente – distinta. Portanto, o trabalho de interpretação revela a necessidade de superar uma distância: equiparar o leitor a um texto que se tornou estranho.

A Hermenêutica, deste modo, deve extrapolar as paredes dos especialistas. Afinal, ela coloca em jogo o problema geral da compreensão. Segundo Paul Ricoeur nenhuma interpretação significativa pôde constituir-se sem fazer empréstimos aos modos de compreensão disponíveis numa determinada época: mito, alegoria, metáfora, analogia etc. O vínculo entre **interpretação** e **compreensão** é apresentado por Aristóteles (384-322 a.C.). Para o estagirita a *hermenia* não se limita à alegoria, mas se estende a todo discurso significante; vale dizer que o discurso significante que é a *hermeneia*, é quem interpreta a realidade⁵.

Filosoficamente, no fim século XVIII, e no início do XIX, com Schleiermacher (1768-1834) e Dilthey (1833-1911), a hermenêutica aparece como problema. Schleiermacher pretendia construir uma Hermenêutica Geral, como *arte da compreensão*: uma garantia

³ Cf. GAMA KURI, Mario da. “Hermes” in: **Dicionário de Mitologia Grega e Romana**. 6ª. Edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, pp. 193-194.

⁴ RICOEUR, Paul. **O Conflito das Interpretações**. Ensaios de Hermenêutica. Rio de Janeiro: Imago, 1978, p.7. A partir de agora a obra será referida com a sigla **CI** e o número da página.

⁵ Cf. RICOEUR, Paul. **CI** pp. 8-9.

estatuária para a disciplina. Dilthey pretendia oferecer às Ciências do Espírito o mesmo estatuto epistemológico das Ciências da Natureza; tratava-se de construir uma *crítica do conhecimento histórico*.

No século XX, Heidegger (1889-1976) faz uma ontologia da compreensão que Paul Ricoeur, não obstante render seu tributo, vai chamar de **via curta**⁶. Percebe-se que a discordância de Paul Ricoeur é quanto ao ponto de partida de Heidegger, pois seu ponto de chegada, ou se se preferir – todo o *laborioso esforço*⁷ – será empreendido tendo em vista a ontologia.

Para tanto o hermeneuta Francês se esforça na renovação do desejo, **dialetizando sempre a interpretação** e a transformação da práxis. Portanto, a ontologia hermenêutica de Paul Ricoeur é a *via longa*, pois: “somente a reflexão, ao abolir-se como reflexão, pode conduzir às raízes ontológicas da compreensão”⁸.

Veremos que é criativo prolongar tal dialética, pois tal atitude – ato hermenêutico – nos mantém vivos, na procura de nós mesmos, de nossa *ipseidade*.

2.2 A ontologia hermenêutica em Paul Ricoeur

Martin HEIDEGGER⁹ postulara uma ontologia da compreensão. O seu procedimento refere-se de imediato ao plano da ontologia do ser finito, onde a questão: *a que condição um sujeito cognoscente pode compreender um texto ou uma história?* – é substituída pela questão: *o que é um ser cujo ser consiste em compreender?* A este procedimento Paul Ricoeur chama de **via curta**. Diz ele¹⁰:

Ao romper com os debates de método, refere-se, de imediato ao plano de uma ontologia do ser finito, para aí encontrar o compreender, não mais como um modo de conhecimento, mas como modo de ser. (...): o que ocorre a uma epistemologia da interpretação, oriunda de uma reflexão sobre a exegese, sobre o método da história, sobre a psicanálise, sobre a fenomenologia da religião etc., quando ela é atingida, animada e, se assim podemos dizer, solicitada por uma ontologia da compreensão?

⁶ Cf. RICOEUR, Paul. **CI** pp.12-13.

⁷ PIVA, Edgar Antônio. A questão do Sujeito em Paul Ricoeur. **Síntese**/26 n° 85 (1999), pp. 236-237.

⁸ PAUL RICOEUR, Paul. **CI** pp. 14.

⁹ Cf. NOVASKI, Augusto. Hermenêutica. **Reflexão**/69 (1997). 107-120.

¹⁰ PAUL RICOEUR, Paul. **CI** pp. 10.

Em seu lugar, sem desconsiderar da ontologia, o hermeneuta francês propõe uma **via longa**: da epistemologia da interpretação. Ele deseja chegar a uma ontologia, mas não partindo dela.

Paul Ricoeur, decididamente, assume como bússola o *conflito das interpretações*. Tal procedimento fará com que sua Filosofia Hermenêutica se torne uma espécie de *ponto de deságüe* entre saberes e produtos culturais, até então, estancados: a antiga tradição hermenêutica teológica, jurídica, literária e as modernas ciências humanas, da linguagem, psicanálise e da sociedade¹¹.

A Hermenêutica do Conflito carrega em seu bojo o segredo do centro de conflito de todas as hermenêuticas, a saber: o cogito. Paul Ricoeur parte do cogito não como sujeito epistemológico, mas como afirmação do eu existo. Obedecendo a uma ontológica convicção, o hermeneuta francês entende que este sujeito pensante é, fundamentalmente, antes de tudo, existência. A verdade primeva não é *cogito ergo sum*, mas *sum ergo cogito*.

A representação intelectual e a intencionalidade noética são manifestações do ato de ser, ato este, interpretado como esforço por existir, apetite, **desejo de ser**. Ao reinterpretar a ontologia aristotélica do ato-potência, do ser como ato, relaciona-a ao *conatus* de Espinoza (1632-1677) e ao *appetitus* de Leibniz (1646-1716). Deste fato decorre que: o ato reflexivo, por meio do qual o sujeito se retorna, se apreende e se identifica, é manifestação do ato de ser, vale dizer, do esforço por existir.

A reflexão, no pensamento de Paul Ricoeur, é a apropriação de nosso esforço por existir, de nosso desejo de ser. Não se trata, contudo, de intuição ou compreensão imediata, de si por si mesmo. Pois, não é possível ao sujeito dar conta de seu próprio ser valendo-se unicamente da esfera noética-reflexiva.

Não obstante situar-se na tradição da Filosofia Reflexiva e da Fenomenologia, Paul Ricoeur critica sua pretensão à imediatez. Ele abandona não somente a pretensão de R. Descartes (1596-1650), do fundamento último, mas também a ilusão fenomenológica de um eu transcendental, origem do sentido.

No seu entendimento, a volta a si do sujeito é marcada pela hermenêutica dos signos, símbolos e textos onde o sujeito se objetiva. Disto decorre que a Filosofia Reflexiva e a Fenomenologia se convertem em Hermenêutica. E esta, a Hermenêutica, faz a mediação entre

¹¹ Cf. HOMEM, Edson de Castro. Considerações sobre a obra 'Conflit des Interprétations. Éssais d'Herméneutique de Paul Ricoeur'. Uma proposta de leitura. **Reflexão** 69 (1997) pp. 121-136. Este trabalho é bastante completo sobre o **CI**; oferece uma visão compreensiva bastante didática da obra. Veja também: PIVA, Edgar Antônio. A questão do sujeito em Paul Ricoeur. **Síntese** 85 (1999) pp. 205-237. O texto segue uma perspectiva mais pontuada, porém bastante oportuna para o assunto em questão.

a Fenomenologia e a Ontologia. Daí que: toda compreensão de si deverá ser mediatizada pela análise dos símbolos, signos e textos.

A Hermenêutica é, deste modo, na visão de Paul Ricoeur, a via obrigatória que a reflexão deve atravessar para a reapropriação de seu ser e de seu desejo de existir. Pois, interpretar é: *a decifração mesma da vida no espelho do texto*¹².

Segundo MARCONDES CESAR¹³, a ontologia de Paul Ricoeur foi cindida pelos questionamentos a respeito do sagrado, do mal e da finitude da vida humana e pela relação estreita entre Metafísica e Moral. No seu entendimento três sentidos transitam em sua ontologia hermenêutica, a saber: a **hermenêutica do símbolo**, a **hermenêutica do texto** e a **hermenêutica da ação**; simultaneamente: o **mito**, a **narrativa** e a **ação** são os campos propícios onde se visibiliza a **tensão entre o finito e o infinito**.

Deste modo, a questão ontológica é sempre **adiada** por Paul Ricoeur; é sempre *terra prometida*. Diante da constatação de que não é possível uma hermenêutica única e universal, cada hermenêutica descobrirá um aspecto da existência, tornando possível apenas uma *ontologia militante*. O sujeito não pode ser identificado adequadamente; ele é *ferido, fragmentado*¹⁴ pela multiplicidade de operações em que se exprime, pela fragmentação e dispersão das expressões da vida do sujeito, mas também pela distância entre a existência (o ser) e a reflexão.

É necessário então unir à **atestação**¹⁵ (confiança do testemunho) de nosso esforço por existir, à afirmação ontológica a confissão de uma “douta ignorância”, as aporias e paradoxos do sujeito. Por isso, a questão **quem?, quem sou?**, a pergunta kantiana **o que é o homem?** continua sempre aberta para Paul Ricoeur¹⁶. Constitui-se numa constante e parturiente tarefa a ser encarada; e, quando apreendida, sempre ficará aberta às novas visitasões.

Contudo, vale asseverar, Paul Ricoeur conservará sempre em seu pensamento uma intenção ontológica sem jamais aceder a um saber absoluto. O estar aberto faz parte da ilação originária do hermeneuta francês: aberto ao **símbolo que dá a pensar** e, simultaneamente à **fé que também dá a pensar**¹⁷.

¹² RICOEUR, Paul. **CI** p. 322. A definição vai além da confissão da cristã.

¹³ Cf. MARCONDES CESAR, C. A ontologia hermenêutica de P. Ricoeur. **Reflexão** 71 (1998), pp. 11-17.

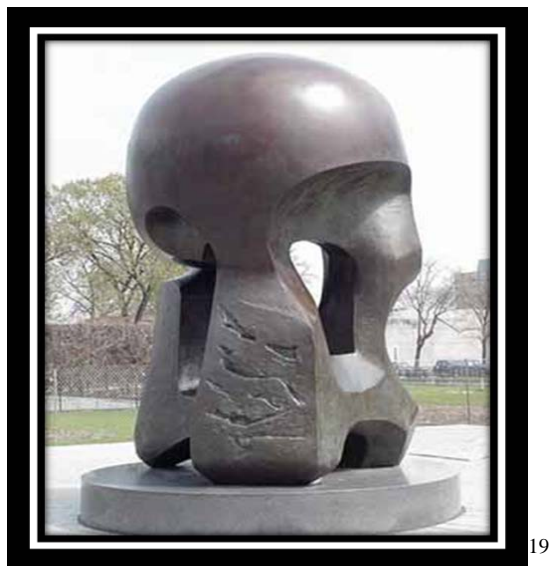
¹⁴ O pensador francês se reporta, naturalmente, ao próprio conceito de saber ainda presente na última década do século XX, ou seja, o saber entendido como compartimentos estanques.

¹⁵ RICOEUR, Paul. **O Si-Mesmo como o Outro**. Campinas: Papyrus, 1991, pp.28-35 e pp. 347-414. O autor desenvolve o problema ontológico e diz que: “a atestação pode definir-se como a segurança de ser si-mesmo agindo e sofrendo” (p.35).

¹⁶ Cf. PIVA, Edgar Antônio. “A questão do sujeito em Paul Ricoeur” *Síntese* 85 (1999) p. 237.

¹⁷ Cf. Cf. HOMEM, Edson de Castro. **Op. Cit.**, p.133.

Ao concluir esta breve abordagem da ontologia hermenêutica de Paul Ricoeur, vem à baila, novamente, o próprio hermenêuta, no comentário que fez sobre a escultura de Henry Moore. Este escultor, inglês, nascido em 1898 e falecido em 1986, tem sua obra caracterizada pelo jogo de **cheios e vazios**. E. Blattchen¹⁸, em entrevista, perguntou a Paul Ricoeur: “Como a imagem do século, o senhor escolheu a fotografia de uma escultura do célebre artista inglês Henry Moore, que se distinguiu especialmente por sua sensibilidade às inquietações que agitaram este século. Título dessa obra: Projeto para um átomo. O senhor viu essa obra?”



Paul Ricoeur responde: “Sim. Ela se encontra em Chicago; foi erguida no próprio lugar onde o cientista Enrico Fermi criou, em 1942, a primeira **reação em cadeia controlada**, que está na origem da bomba atômica”.

O entrevistador comenta: “Obra **simbólica** num lugar simbólico”.

Paul Ricoeur continua:

Num lugar simbólico, efetivamente. Esse lugar é, hoje, (1993) uma praça aberta. Mas, na época, eram os vestiários de um parque, ou de um estádio, dependia das estações. Era muito perto da universidade mas numa parte absolutamente secreta. Um dia, a reação em cadeia controlada... e é o início da bomba atômica! Então, por que essa estátua?

Ignoro as intenções de Moore. E direi que, de maneira geral, isso faz parte de minha concepção da hermenêutica: **não é a intenção do autor que conta, mas o que os leitores lêem**. Ora, podem-se ler várias coisas nessa estátua. Evidentemente, o átomo, que é representado por uma forma redonda, mas **estourada** na base.

O senhor sabe que Henry Moore foi o escultor do vazio. Ele estudou, de múltiplas maneiras, o vazio. Aqui, é o cheio trabalhado pelo vazio. E esse átomo é também **um crânio humano**. É, portanto, **o saber, a ciência, o domínio**, mas **trabalhados por baixo pelo vazio da destruição**, do **ódio, do medo**, ou seja, de tudo o que vai se desencadear a partir desse átomo.

¹⁸ Cf. RICOEUR, Paul. **O único e o singular**. São Paulo: Editora UNESP, 2002; aqui: pp. 29-32, grifos nossos.

¹⁹ <http://thebesttimeoftheday.blogspot.com> 18/03/2012.

Às vezes ocorre-me ir além e dizer a mim mesmo: ‘Mas esse magnífico crânio bombardeado não é também o crânio já desnudado pelas radiações atômicas? Já não é o crânio que passou do estágio da invenção ao estágio da destruição, da qual ele é a primeira vítima?’. Essa estátua é visitada por grande número de pessoas. E sempre fiquei impressionado pela **espécie de silêncio reverente**, inquieto, perplexo, perante essa estátua da qual cada um se pergunta o que ela quer dizer. Creio que **é preciso manter a multiplicidade das significações**.

O entrevistador completa: “Para o senhor, a significação principal é negativa?” Paul Ricoeur pontua que:

Não, ela é **mista**, porque, de certo modo, há uma plenitude do globo, mas também o vazio das raízes, pois o vazio está embaixo. Quer dizer que a esfera bem-feita e bem cheia, de certa maneira, é trabalhada por um **arrancamento** das bases, portanto das raízes, como se aquele momento científico, militar e cultural fundamental que foi a descoberta do domínio da energia atômica abrisse a época em que **a plenitude de nosso saber está visivelmente decomposta em sua raiz com a presença antecipada da morte**.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito que as reflexões de Paul Ricoeur se assentam numa equação que entendo ser imprescindível a toda pessoa que deseja filosofar ou que se tornou *filosofante*. Trata-se, efetivamente, da constante dialética de **crer, observar e refletir**. Por ser uma relação dialética não há precedência de um ato sobre o outro. Eles estão profundamente imbricados na cotidianidade de nossas vidas com suas respectivas contradições.

É exatamente no existir de hoje, de agora, deste momento, é que se sucedem nossas observações (*afecções*), nossas crenças (e também *nossas descrenças*) e nossas provisórias teses (em busca de *antíteses*). Isto significa que nossas definições são sempre muito gerundianas, carentes de mais algum sentido. Muito tênues; são frutos de atestações – **de testemunhos** – que se encarnam nas trincheiras da existência.

Conhecer a obra (que pretensão?) de P. Ricoeur nos coloca de modo extremamente agudo no horizonte novo e tão antigo pronunciamento: além da **consciência crítica** – pensar o pensamento – é preciso fazer a **crítica da consciência**. Pois, consciência crítica **exaltada** nos conduz, sabemos todos, à **arrogância**²⁰ (à exacerbação do poder e ao aumento de fragilidades) e a consciência crítica **humilhada** nos leva ao **suicídio**²¹.

Estudar Ricoeur é uma grande oportunidade para lidarmos, de modo mais criativo, com as **três feridas** abertas em nosso **ego desolado**: não somos o centro do universo

²⁰ Cogito exaltado de R. Descartes (1596-1650) e, de modo geral, todos os *fanáticos* pela razão.

²¹ Cogito proclamado decadente (certamente, também, como reação ao Positivismo) por F. Nietzsche (1844-1900) e, de modo geral, todos os seguidores do niilismo.

(Copérnico –1473/1543); é bem provável que sejamos descendentes do Macaco (Darwin – 1809/1882) e, todos o sabemos no cotidiano, nossa consciência nos engana (Freud – 1856/1939). Ainda, numa penúltima palavra: P. Ricoeur *nos ajuda a perceber que o que procuramos já foi dado; precisamos, apenas, captar* (U. V. MORO). A Hermenêutica é **um eficaz elixir para a memória**; seu objeto principal realmente é o texto; contudo, sua preocupação fundamental já não é o texto em si²², mas **a vida**.

Nossa vida, fundamentalmente, não é movida pelo conhecimento; fundamentalmente, nossa vida é movida pelos afetos. Sabemos, pois, então, que nossa vida não é movida, prioritariamente, pelas ideias. Contudo, cremos firmemente, que **uma ideia poderosa é consequência de um poderoso afeto**.

BIBLIOGRAFIA

A. Obras Específicas de Paul RICOEUR

- RICOEUR, Paul. **Conflict of interpretations**. London: Northwestern Univ, 2007.
- _____. **A hermenêutica bíblica**. São Paulo: Loyola, 2006.
- _____. **Teoria da Interpretação**. Lisboa: Edições 70, 1996.
- _____. **Soi-meme comme un autre**. Paris: SEUIL, 1996.
- _____. **O mal: um desafio a Filosofia e a Teologia**. Campinas: Papyrus, 1988.
- _____. **A região dos filósofos**. São Paulo: Loyola, 1996.
- _____. **A crítica e a convicção**. Lisboa: Edições 70, 1997.
- _____. **La memoria, la historia el olvido**. 1ª. Edição. Madrid: TROTA, 2003.
- _____. **La metaphore vive**. Paris: SEUIL, 1998.
- _____. **O único e o singular**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

B. Comentários sobre Paul RICOEUR

- PIVA, Edgar Antônio. A questão do Sujeito em Paul Ricoeur. **Síntese**/26 n° 85 (1999), pp. 236-237.
- NOVASKI, Augusto. Hermenêutica. **Reflexão**/69 (1997) pp. 107-120.

²² O texto em si é objeto da Exegese. Segundo Ricoeur a hermenêutica é a ponte entre o que faz o exegeta e o que diz o sistemático.

HOMEM, Edson de Castro. Considerações sobre a obra “Conflit des Interprétations. Éssais d’Herméneutique” de Paul Ricoeur. Uma proposta de leitura. **Reflexão** 69 (1997) pp. 121-136.

MARCONDES CESAR, Constança. A ontologia hermenêutica de Paul Ricoeur. **Reflexão** 71 (1998) pp. 11-17.

SODRÉ, Olga. Percurso filosófico para a concepção de alteridade. **Síntese**, v. 34 n. 109 (2007): 157-184.